

A FOTOGRAFIA E A LEITURA DA PAISAGEM: UM PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Juliane Felix Evangelista Muniz (1); Evaneide Maria de Melo (2)

(1 - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: julianefem@gmail.com; 2 - Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). E-mail: evaneide.melo@ifrn.edu.br)

RESUMO

A sociedade contemporânea, decorrente da revolução tecnológica e seus desdobramentos na área da informação, é marcada por um processo de inúmeras transformações, sobretudo, no âmbito da educação. O avanço das tecnologias, nesse período, possibilitou avanços nas concepções e métodos da ciência geográfica e, dessa forma, a Geografia, antes marcada pela explicação objetiva e quantitativa da realidade, passou a voltar os estudos para uma análise das relações complexas, nas perspectivas econômicas, sociais, políticas, culturais, ambientais, entre outras, da realidade. Nesse sentido, essa pesquisa teve como objetivo estudar a fotografia como uma possibilidade de estudo da paisagem - conceito basilar da Geografia - por meio de uma oficina desenvolvida pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, o PIBID, nas turmas do terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Francisco Ivo Cavalcanti, localizada na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico, que constituiu a base para o planejamento e a execução da oficina, intitulada de “Paisagens e seus significados”, como também, para a elaboração de um questionário objetivo, aplicado aos alunos, no qual os dados foram coletados e analisados. Por meio da oficina, foi possível investigar as contribuições alcançadas com a utilização da fotografia como um recurso didático no processo de ensino aprendizagem da Geografia. O uso da tecnologia visual despertou o interesse dos alunos e, também, uma maior participação deles nas discussões em sala de aula, o que contribuiu para a quebra do paradigma onde a centralidade do processo de ensino está no professor, e no seu papel de detentor do conhecimento, assim como, possibilitou uma maior reflexão e um maior posicionamento crítico dos alunos.

Palavras-chave: ensino, tecnologia, fotografia, paisagem.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Geografia defronta-se com a tarefa de entender o espaço num contexto bastante complexo, no qual o avanço das técnicas, a maior e mais acelerada circulação de mercadorias, homens e ideias, distanciam os homens do tempo da natureza e provocam certo “encolhimento” do espaço de relação entre eles. (CAVALCANTI, 2010).

Nesse contexto, de tantas transformações da sociedade, de avanços tecnológico, da globalização e de sua dinâmica espacial, é papel da Geografia preparar o aluno para localizar, compreender e atuar em um mundo complexo, problematizar a realidade, formular proposições, reconhecer as dinâmicas existentes no espaço geográfico e pensar e atuar criticamente em sua realidade, tendo em vista a sua transformação. Dessa forma, torna-se importante a figura do professor, o qual tem o desafio de propor práticas e reflexões em sala de aula que levem os alunos a atingir essas exigências.

Como infere Cavalcanti (2010), estamos vivendo em uma sociedade moderna, influenciada pelo progresso científico, na qual houve o encurtamento do espaço, que é fluido, não “localizável” mecanicamente, e que o tempo é irreversível, imprevisível e simultâneo. Nessa sociedade, as práticas sociais realizam-se num mesmo tempo e em espaços diferentes ou num mesmo espaço onde há tempos diversos. Nesse sentido, a compreensão do mundo atual requer a percepção de uma nova “conexão” espaço-tempo, tornando-se uma só categoria de explicação da realidade.

Assim sendo, é fundamental que o professor crie e planeje situações nas quais os alunos possam conhecer e utilizar procedimentos de observação, descrição, experimentação, analogia e síntese, como também, possam aprender a explicar, compreender e até mesmo representar os processos de construção do espaço e dos diferentes tipos de paisagens e territórios. No entanto, essa não é uma missão fácil.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a construção do conhecimento geográfico pressupõe a escolha de um corpo conceitual e metodológico, para isso são usados os conceitos-chave como instrumentos capazes de promover uma análise científica do espaço. Com eles, busca-se compreender um mundo cada vez mais acelerado e fluido e, por isso, mais denso e complexo.

Os conceitos-chave permitem apreender o espaço nas suas formas de organização, validar o que foi herdado do passado e atender às novas necessidades. Um desses conceitos é a paisagem, que é entendida como uma unidade visível do arranjo espacial na qual a nossa visão alcança (SANTOS, 1988)

Segundo os PCNs, a paisagem tem um caráter social, pois ela é formada de movimentos impostos pelo homem através do seu trabalho, cultura, emoção. Além disso, ela é percebida pelos sentidos e nos chega de maneira informal ou formal, ou seja, pelo senso comum ou de modo seletivo e organizado. O documento ainda infere que a paisagem

é produto da percepção e de um processo seletivo de apreensão, mas necessita passar a conhecimento espacial organizado, para se tornar verdadeiro dado geográfico. A partir dela, podemos perceber a maior ou menor complexidade da vida social. Quando a compreendemos desta forma, já estamos trabalhando com a essência do fenômeno geográfico. (BRASIL, 1998, p. 32).

Tal conceito foi escolhido para ser o objeto de estudo de uma oficina desenvolvida por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

(PIBID) do Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) na Escola Estadual Professor Francisco Ivo Cavalcanti, localizada na cidade de Natal-RN.

A fim de proporcionar uma melhor compreensão do espaço - objeto de estudo da Geografia - e orientar a formação de cidadãos no sentido de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, reconhecendo as contradições e os conflitos existentes no mundo, buscou-se, junto aos alunos da terceira série do Ensino Médio, trabalhar e (re)construir o significado de paisagem. Nesse processo, de construção do conhecimento, buscou-se utilizar um recurso didático que permitisse ao aluno o contato com a paisagem, possibilitasse a identificação de seus elementos constituintes, através da leitura da paisagem, motivasse a reflexão e, além disso, conseguisse atrair seu interesse.

A fotografia, por tanto, por ser um objeto com potencial de atender todas essas necessidades, foi selecionada para que, nessa prática, fosse investigado se o seu uso pode trazer reais contribuições para o processo de ensino aprendizagem, em especial para o ensino do conceito de paisagem e, também, da Geografia.

METODOLOGIA

Como estratégia metodológica inicial, foi realizado o levantamento bibliográfico dos artigos, livros e publicações que abordavam a temática espacial, o estudo da paisagem, a fotografia, o processo de ensino aprendizagem e o uso de metodologias, que serviram de base para a argumentação teórica. Na sequência, foram selecionadas três turmas da terceira série do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Francisco Ivo Cavalcanti, localizada na cidade de Natal-RN, nas quais seriam aplicadas a oficina com o tema “paisagem”. No processo de planejamento da oficina, buscou-se definir a sequência das atividades, o conteúdo ministrado – coerente com o nível escolar dos alunos –, bem como, os recursos didáticos utilizados, tomando como base a intenção de explorar as potencialidades da fotografia como um recurso educacional. Além disso, foi elaborado um roteiro de orientação, com as principais questões a serem abordadas na oficina, para ser entregue aos alunos, uma apresentação em Power Point, contendo informações pertinentes à abordagem do conteúdo, um levantamento de imagens fotográficas da cidade de Natal para compor o acervo necessário para a atividade prática prevista e um questionário objetivo cuja finalidade era verificar a percepção dos alunos sobre o uso da fotografia como recurso didático em sala de aula. Durante a oficina, que foi dividida em dois momentos e teve a duração de dois dias, foram analisadas

as produções e arguições de cada aluno, bem como, a evolução das suas compreensões sobre o tema abordado. Para concluir, foram recolhidas e analisadas, ao término da última sessão, as respostas dos alunos ao questionário investigativo entregue anteriormente.

ENSINO DE GEOGRAFIA: ABORDAGENS E ENTENDIMENTOS POR MEIO DA FOTOGRAFIA

A Geografia, em sua origem enquanto Ciência apresentou um forte caráter tradicional em sua prática pedagógica. Segundo Leão (1999), a abordagem tradicional do ensino parte do pressuposto de que a inteligência é uma faculdade que torna o homem capaz de armazenar informações, das mais simples às mais complexas. Ou seja, de acordo com essa perspectiva, o conhecimento humano possui um caráter cumulativo, que deve ser adquirido pelo indivíduo através da transmissão dos conteúdos a ser realizada na instituição escolar (MIZUKAMI, 1986). Nesse sentido, o conhecimento não é visto como um processo ou algo em construção. Ele aparece pronto, acabado, como verdade absoluta, muitas vezes inquestionável para ser transmitido, configurando-se o que Freire (2010) chama de educação bancária, no qual o aluno vai armazenando as informações sem ao menos questioná-las.

Com as transformações do tempo e com o progresso científico e tecnológico, o conhecimento passou a ser rapidamente superado e não há o que justifique memorizar conhecimentos que estão sendo superados. Lamentavelmente, em algumas escolas, essa prática é predominante, o que não é coerente em uma sociedade globalizada, na qual os processos de cientificização, tecnização e informatização avançam cada vez mais, transformando o meio. Por isso, é imprescindível que haja sempre uma atualização/revisão das teorias e metodologias utilizadas no ambiente acadêmico, a fim de atingir a superação dos aspectos, ainda presentes, da escola tradicional, e contribuir, de forma significativa, para o processo de aprendizagem do aluno, principalmente no que se refere ao ensino da Geografia.

A sociedade contemporânea, decorrente da revolução tecnológica, apresenta características possíveis de assegurar à educação uma autonomia ainda não alcançada. Nesse contexto, é dever do educador, como mediador do processo de ensino, reforçar a capacidade crítica do educando, aproximando-os dos objetos cognoscíveis para que eles se transformem em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, já que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção (FREIRE, 2010).

Assim, se compreendermos que o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado e que ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio e não por qualquer dotação prévia, compreenderemos, também, que a Geografia não deve se pautar na enfadonha forma classificatória do ensino, pois esta é conservadora e não busca a compreensão dos processos (CASTROGIOVANNI, 2007), apoia-se, simplesmente, na descrição e memorização dos conceitos. Contrariamente, a Geografia deve-se pautar numa perspectiva construtivista, na qual o processo de ensino aprendizagem se dá pela interação entre o educando e o objeto do conhecimento sob a mediação do professor, e não em um processo centralizado onde o educando não tem participação efetiva.

Diante do exposto, entende-se que o professor de Geografia deve trabalhar os conceitos basilares da disciplina de uma forma articulada, com maior participação dos alunos, pois, numa atividade conjunta, compartilhada e participativa, os alunos conseguem construir e elaborar seus conhecimentos e seus métodos sem, necessariamente, assimilar os conteúdos como verdade absoluta. Por tanto, para compreender os benefícios da prática construtivista no ensino da Geografia, será trabalhado o conceito de paisagem, que é um conceito fundamental para a compreensão do espaço e envolve uma infinidade de processos, naturais e humanizados nele presente.

A paisagem como objeto de estudo, forneceu unidade e identidade à geografia, sobretudo no contexto inicial desta disciplina. Segundo Maria (2010), desde o início do século XX as concepções dos geógrafos a respeito da paisagem, de sua definição e dos meios de estudá-la, vem desenvolvendo-se, adquirindo novas concepções. Inicialmente, a paisagem era compreendida não como uma representação, mas como uma fisionomia ou uma expressão. Essa concepção, encontrada em autores como La Blache (1845-1918) e Sauer (1889-1975), enfatiza a análise das realidades objetivas presentes no território, que colocam em evidência a dominação do homem sobre o ambiente e, também, a sua formação fisiográfica.

Nesse contexto, a paisagem é entendida como “herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades” (MARIA, 2010, Apud, AB´SÁBER, 2003, p. 49).

Melo (2008) afirma que a paisagem, nesse quadro histórico, refletia as características de outrora, vindo a reboque dos problemas originados a partir de um longo processo de transformação. A autora também enfatiza que a paisagem estava

no âmbito do eminentemente orgânico-visual, e seu estudo se dava na proposta da diferenciação das áreas, em estágios evolutivos. Dessa forma, entende-se que a paisagem, nesse período, se colocava como um elemento percebido pelo globo ocular, restrita ao campo visual e incapaz de transmitir um universo de signos, dispositivos e invenções existentes na sociedade. Portanto, essa concepção se tornou frágil, por buscar captar todas as formas que dimensionam a cultura na base espacial, negligenciando os sons, os ritmos, os sentimentos, os cheiros, presentes no espaço.

A partir dos anos 1970, inicia-se um movimento de renovação na Geografia Cultural. Esse movimento de renovação volta-se, principalmente, para os aspectos imateriais da cultura, as representações e o simbólico – a paisagem torna-se, assim, portadora de sentido (MARIA, 2010). Nesse cenário, passou-se a compreender o trabalho humano e a representação simbólica como elementos culturais que interferem na estruturação do espaço, que dão movimento e dinâmica à paisagem, deixando de lado uma perspectiva mais objetiva de análise do meio, na qual apenas dados estáveis eram considerados.

Por tanto, nessa nova lógica, a paisagem não é mais reduzida às informações visuais do mundo que nos cerca, e sim amplificada pelos símbolos, conexões e representações que as constituem. Para compreendê-la, então, é necessário interpretá-la através de outros sentidos, abarcando tudo aquilo que envolve o seio cultural e que, de alguma forma, pode ser representado.

E como podemos trabalhar o conceito de paisagem em sala de aula? Seria a imagem um recurso didático importante para a construção do conteúdo?

Contemporaneamente, existem inúmeros recursos tecnológicos, a exemplo de computadores, tabletes, televisores, etc., que podemos utilizar a nosso favor. Em uma sociedade em que a cultura visual está muito presente, a imagem, nesse caso a imagem fotográfica, é uma dessas tecnologias que pode trazer importantes contribuições para a educação, em especial ao ensino de Geografia.

A fotografia, como enfatiza Melo (2008), revela visualmente aspectos da vida material, e aprofunda as questões de ordem imaterial, onde a mais detalhada descrição verbal não conseguiria dar conta. Para a autora a fotografia transmite uma multiplicidade de elementos, sendo uma mensagem que indica e contém índices de uma época que revelam riquezas de detalhes.

A imagem fotográfica e todas as complexas informações do mundo visível que nela se acha inscritas e circunscritas, passou a ser bastante veiculada através das mídias e se tornou uma ferramenta de fácil acesso. Devido a sua acessibilidade, a fotografia se tornou um recurso didático de baixo custo e capaz de proporcionar inúmeras experiências sem sair da sala de aula. Por meio da impressão ou da projeção em equipamentos de multimídia a fotografia imprime a paisagem materializada, uma narrativa que tem sentido simbólico e cultural e que pode, quando direcionada pelo professor, contribuir, simplificar a leitura do espaço e das diferentes ações em que nele ocorre, proporcionando o desenvolvimento de diferentes capacidades ao educando.

O desenvolvimento dessas capacidades psíquicas dos alunos se torna possível por meio do processo de construção de conhecimento, que depende das condições de aprendizagem. Esta, por sua vez, depende de como o processo educativo se organiza em suas diferentes dimensões. Para tanto, é necessário proporcionar um ambiente favorável de discussões, na qual haja sempre lugar para a construção de diferentes aprendizagens, haja, também, o respeito pelo educando e pela sua autonomia, pois como afirma Freire: “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2010, p. 59).

Nesse contexto, os recursos e estratégias metodológicas teriam um papel fundamental, de ir além da exposição oral do conteúdo, da leitura do livro didático e da memorização em busca de uma atitude sócio construtivista que, segundo Cavalcanti (2010), é contrária ao controle absoluto dos resultados da aprendizagem.

A vista disso, com um intuito de verificar se essa metodologia traz realmente contribuições para os educando e se eles validam essa estratégia, foi desenvolvida uma oficina: Paisagens e seus significados, na Escola Estadual Professor Francisco Ivo Cavalcanti, nas turmas de terceiro (3º) ano, no segundo semestre letivo do ano de 2013, como atividade integradora das ações do PIBID/Geografia/IFRN.

OFICINA: PAISAGENS E SEUS SIGNIFICADOS

A oficina, que contou com a participação de 22 alunos, foi realizada em dois momentos. No primeiro deles, buscou-se trabalhar a teoria numa perspectiva construtivista, na qual há uma participação construtiva do aluno e a intervenção do professor, num só objetivo, de construir um processo de aprendizagem dos conteúdos, que

favoreçam o desenvolvimento das capacidades necessárias à formação do indivíduo.

Nessa primeira etapa, discutiu-se o conceito de paisagem, entendida como um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais, formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério (SANTOS, 1988), já que, segundo Maria (2010), ela expressa a cultura em seus diversos aspectos, revelando seu lado funcional e simbólico, e representando, assim, um elemento chave para a compreensão da relação sociedade-cultura-natureza.

Nesse processo, a fotografia serviu para auxiliar os educandos a compreenderem o que para eles vinha sendo apresentado. Aos poucos, foi possível perceber que a discussão foi tomando forma e o conceito que, para alguns, parecia vago foi adquirindo maior significado. Na medida em que o conteúdo foi sendo discutido, as imagens fotográficas foram sendo relacionadas e seus principais elementos apontados, de forma que os alunos assumiram uma postura reflexiva diante da representação da paisagem pela fotografia.

A imagem fotográfica, além de uma forma de expressão e um meio de informação e comunicação do real, é um documento que retrata a história do espaço, um testemunho visual no qual é possível detectar os elementos constitutivos que lhe deram origem, tanto do ponto de vista material como imaterial. (KOSSOY, 2012). Estudar, então, a paisagem a partir da fotografia é uma oportunidade de experiênciá-la através de outro campo, além do conceitual, pois ela instiga os agentes produtores do espaço a lidar com questões caras ao entendimento espacial, arrolando informações, pertinentes à leitura das cidades, dos eventos e das paisagens que permanecem no âmbito das representações espaciais. (MELO, 2008).

Durante a oficina, foi possível verificar a existências de inúmeras e distintas interpretações de um mesmo espaço. O estudo das imagens fotográficas, feito por diferentes perspectivas, fez com que os alunos compreendessem que a dinâmica de uma cidade como Natal pode ser entendida através de muitos pontos de vista. Nesse processo, a fotografia, como recurso didático, foi fundamental, além de aproximar os educandos de suas realidades, atraiu o interesse deles em identificar os elementos que compunham o espaço simbólico local, que é passivo de várias interpretações.

Após a discussão/construção do conceito de paisagem, foi proposta uma atividade, para ser desenvolvida em casa, na qual os alunos, por meio da análise reflexiva, fariam a leitura da paisagem representada na fotografia, o reconhecimento

dos signos e símbolos que compõe o espaço e a identificação dos principais pontos a serem discutidos em sala de aula, por meio da disciplina de Geografia. Além disso, os alunos teriam que produzir um material - um texto, um slide, uma poesia, isso ficou a critério deles -, para ser apresentado como resultado de sua análise.

Para a realização desta atividade, foram disponibilizadas vinte e nove (29) fotografias - que compunham o banco de imagem já mencionado -, de diferentes localidades do Município de Natal. Após observá-las, cada um dos alunos escolheu uma imagem para servir de base e colocar em prática a reflexão, iniciada em sala de aula, sobre a paisagem e todo o conteúdo simbólico que ela carrega.

Na sequência, em outro dia, foi realizado o segundo momento da oficina, destinado à socialização dos trabalhos produzidos pelos alunos. Nessa etapa foi possível verificar que os alunos conseguiram, individualmente, por meio da fotografia, fazer a leitura do espaço geográfico e compreender a paisagem em sua plenitude. Ao observar uma imagem fotográfica, suas lembranças e imaginações tocaram aquele real criado e produziram uma série de pensamentos, contidos na memória de cada um que orientaram a compreensão da imagem.



Figura 12 – Registro da oficina “Paisagens e seus significados”

Fonte: Juliane Felix Evangelista

De acordo com as experiências relatadas pelos próprios alunos, após a análise da fotografia, foi possível verificar a atuação de diferentes ações e de diferentes agentes na paisagem de Natal, nos quais refletem em sua organização, como a economia, as condições de moradia, transporte, saúde, etc. Nos distintos contextos da cidade (social, político, natural etc.), o espaço foi compreendido como um produto das tensões e disputas entre muitas práticas e narrativas que se dobram sobre ele e conhecê-lo,

segundo Oliveira Jr (2004), exige que se pense como ele é inventado diariamente. Isso incitou uma postura reflexiva nos educandos que tinham como objetivo construir, elaborar e perceber a simbologia inscrita na paisagem fotográfica.

As fotografias, por tanto, revelaram aos alunos possibilidades enriquecedoras da observação e do pensamento em diversas escalas. Permitiu a análise das relações espaciais existentes entre os diversos elementos da paisagem, bem como dos detalhes que identificam seu “funcionamento”, possibilitando uma melhor compreensão do espaço geográfico, que é o palco da atuação humana.

Através da projeção das imagens, da produção de textos e da elaboração de croquis, os alunos elencaram os pontos que chamaram mais atenção deles, citando a interferência de vários fatores que dão movimento e sentido ao Município de Natal. Na prática, foi possível ir além do uso da imagem como ilustração, pois a fotografia e seus inúmeros acontecimentos cristalizados momentaneamente, falam por si só e movimentam o imaginário do aluno, trazendo o cotidiano, antes paralisado, à comparação com episódios do presente.

Analisar as imagens fotográficas permitiu, então, aos alunos avançarem na pesquisa sobre o lugar investigado. Alguns deles levaram para o momento de socialização várias imagens de épocas diferentes e fizeram a reconstituição da paisagem por meio da análise temporal. O cruzamento dessas temporalidades, representadas nas imagens, permitiu uma reflexão sobre as transformações ocorridas constantemente no espaço que, segundo Santos (1988), é um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento

CONCLUSÕES

A oficina “Paisagem e Seus Significados” deixa evidente que, apesar da importância dada as visualidades nos tempos de hoje e da enorme circulação de imagens através das mídias, a fotografia ainda é um recurso pouco utilizado pelos docentes, e quando é utilizado, é pouco explorado. Como consequência, o contato que a maioria dos estudantes mantém com a imagem não os insere num processo de reflexão sobre o conteúdo por ela materializado, sendo então, imprescindível que haja uma intervenção do professor no processo de ensino com o objetivo de estimular neles uma iniciativa reflexiva e questionadora.

Esse processo de intervenção, aqui mencionado, que consiste em conduzir os discentes à construção de conceitos por meio de uma prática coletiva, posto em exercício durante a oficina, trouxe muitos benefícios para os estudantes das turmas de terceiro (3º) da Escola E. P. Francisco Ivo Cavalcanti. O professor, com o auxílio da fotografia como recurso didático, conseguiu promover avanços no processo de aprendizagem dos alunos, alcançando uma Geografia não centrada na descrição empírica das paisagens, tampouco pautada exclusivamente na sua interpretação política e econômica, que trabalha tanto as relações socioculturais, como os elementos físicos e biológicos que dela fazem parte, investigando as múltiplas interações entre eles estabelecidas na constituição de um espaço comum a todos, o Município de Natal.

O estudo do meio e o trabalho com as imagens, como possibilidades didáticas, contribuíram para os alunos (re)construírem, de maneira ampla e estruturada, as imagens e percepções que têm da paisagem local, do espaço vivido por eles, e compreendessem que eles próprios são parte integrante do ambiente e também agente ativo das transformações da paisagem.

De maneira geral, a oficina colaborou para que os alunos se mostrassem mais interessados em aprender, se sentissem capazes ao perceber que poderiam ir além da assimilação do conteúdo teórico e, aos poucos, assumirem uma postura crítica, reflexiva, capaz de construir e elaborar conceitos e métodos. A imagem fotográfica, nesse contexto, possibilitou aos discentes o “contato” com a paisagem e, com ela, eles aprenderam a apreciar, decodificar e interpretar seus signos, avaliando a forma como elas são construídas e operam em nossas vidas.

Finalmente, pode-se concluir que, além de proporcionar aos alunos uma proposta construtivista do conceito de paisagem, a oficina “Paisagens e seus significados” contribuiu para despertar neles uma postura de agente na construção do próprio saber, que não se limita ao armazenamento de informações e conteúdos, mas busca, como afirma Freire (2010), através de suas experiências sociais, (re)criar inúmeros conceitos, ser um sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, entende-se que é importante instigar a curiosidade do aluno, motivar a construção dos conceitos geográficos, para que eles possam trazer suas contribuições, colaborando para que a sala de aula se torne um espaço de trocas de conhecimento, diálogo e contato com realidades diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília. 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 16. ed. Campinas, Sp: Papyrus, 2010.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org). **Ensino de Geografia: Caminhos e Encantos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LEÃO, Denise Maria Maciel. Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. **Cadernos de Pesquisa**, Ceará, n. 107, p.187-206, jul. 1999.

MARIA, Yanci Ladeira. **Paisagem: entre o sensível e o factual**: Uma abordagem a partir da Geografia Cultural. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MELO, Evaneide Maria de. **A paisagem em foco: leituras fotográficas de Jardim do Seridó/RN**. 2008. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 1º Ed. São Paulo: Hucitec, 1988.